

## As medidas de um conceito: ocorrências de *hýbris* no *Ájax* de Sófocles

AGATHA BACELAR

École des Hautes Études en Sciences Sociales  
France

RESUMO. A partir das reflexões de N.R.E Fisher e de D. Cairns acerca da definição de *hýbris*, ambas fundamentadas na ética aristotélica, proponho que o conceito pode ser compreendido através da metáfora de uma ultrapassagem do limite que determina a *timé* de cada indivíduo. O conceito depende, pois, do quadro axiológico em que se inscreve. Após uma breve demonstração da mobilidade do conceito de *hýbris* através de uma comparação entre algumas atitudes a que remete na Atenas Clássica e no primeiro canto da *Iliada*, passo a examinar as ocorrências do vocábulo e seus derivados no debate entre Teucro, Menelau, Agamêmnon e Ulisses acerca do sepultamento de *Ájax*, na tragédia homônima de Sófocles. Na medida em que tanto a atitude dos Atridas quanto a atitude de Teucro são caracterizadas como “hybrísticas”, torna-se manifesto que os valores desses personagens não coincidem. *Hýbris* pode, portanto, servir de “termômetro axiológico” na interpretação da tragédia e uma análise de cada uma de suas ocorrências revela muito sobre o *êthos* do personagem que a enuncia.

PALAVRAS-CHAVE. *Hýbris*; *timé*; conflito de valores; Sófocles; *Ájax*.

N. R. E. Fisher, em seu estudo detalhado sobre o conceito de ὕβρις, propõe que, na Atenas Clássica<sup>1</sup>,

E-mail: abacelar@gmail.com

Artigo recebido em 30/08/2005; aceito para publicação em 16/11/2006.

Este artigo é uma versão um pouco modificada da comunicação que apresentei no XII Congresso da FIEC, realizado em Ouro Preto em agosto de 2004. Meu interesse pelo tema aqui discutido foi despertado ao freqüentar o curso “Hýbris: trajetória de um conceito”, no PPGLC/UFRJ, em 2002. Agradeço ao professor Henrique Fortuna Cairns, que ministrou o curso, e a Tatiana Oliveira Ribeiro pelas sugestões e comentários. Sou grata, ainda, à professora Nely Maria Pessanha, que orientou minha pesquisa de mestrado sobre o *Ájax* de Sófocles, realizada na UFRJ de 2002 a 2004. Por fim, agradeço à CAPES por me fornecer, atualmente, os meios de dar continuidade a meus estudos sobre a tragédia sofocliana no curso de doutorado em Histoire et Civilisations da EHESS, sob a orientação do professor Claude Calame.

<sup>1</sup> N.R.E. FISHER, *Hybris: a study in the values of honour and shame in Ancient Greece*, Warminster, Aris & Phillips, 1992, p. 86.

o tipo de ato que mais revela a *hybris* de um indivíduo (...) é o ato de violência que tem como propósito humilhar a vítima e suscitar um sentimento de superioridade no agressor, e que, de fato, rompe o limite essencial que separa os homens livres, em especial os cidadãos, dos escravos.

A primeira parte dessa proposição remete ao que Fisher, com base na definição formulada por Aristóteles (*Rh.* 1378b.23-5), considera a essência do conceito, que, segundo o helenista, se mantém de Homero à Comédia Nova: ‘a inflicção deliberada de vergonha e desonra’<sup>2</sup>; a segunda, o rompimento do limite entre cidadãos e escravos, constitui uma das conclusões a que chegara no capítulo dedicado à *γροφή ὕβρεως*.

A definição proposta por Fisher, que prioriza a ação e considera imprescindível uma vítima específica, foi alvo de algumas críticas da parte de D. Cairns<sup>3</sup>. Partindo igualmente de Aristóteles, Cairns insiste que a ὕβρις concentra-se mais na disposição subjetiva do agente que no ato em si, pois o ato é uma manifestação da disposição. No primeiro livro da *Retórica* (1374a.13), ὕβρις conota *προαίρεσις*, uma decisão que instaura um comprometimento ético entre o agente e a ação, uma vez que a *προαίρεσις* depende de uma ἠθικὴ ἔξις, de uma disposição permanente do caráter<sup>4</sup>. Embora Aristóteles não se refira explicitamente a uma ἔξις particular que se associe ao ato de ὕβρις, há uma denominação específica para quem a possui, o substantivo ὕβριστής. Esse aspecto dispositivo da ὕβρις, que define o ὕβριστής, consiste, conclui Cairns<sup>5</sup>, em ‘nutrir uma concepção equivocada e inflada de si mesmo e de seu lugar no mundo’, ou seja, em superestimar sua própria τιμή e, conseqüentemente, subestimar a τιμή alheia, já que o conceito de τιμή é necessariamente comparativo<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> Id. p. 493.

<sup>3</sup> D.L. CAIRNS, *Hybris, Dishonour and Thinking Big*, JHS 116, 1-32, 1996.

<sup>4</sup> Cf. Arist. *Eth. Nic.* 1139a.33-34 e 1157b.31. A tradução de ἔξις por “disposição permanente” requer alguns comentários. Primeiro, em relação a sua constituição: a ἔξις é algo que se forma através da prática — ou seja, ao mesmo tempo em que governa a ação, é construída por ações —, de sorte que o componente de permanência aí é da ordem do hábito. Em seguida, em referência a seu funcionamento: se disposição, no vernáculo, remete a uma tendência do indivíduo, com ênfase no que desencadeia a ação, ἔξις, mantendo associações semânticas com o verbo ἔχω de que deriva, é, pelo contrário, o que retém o indivíduo, com ênfase no que impede a ação; assim, lê-se na *Ética a Nicómaco* (1146a.13-4): εἰ μὲν γὰρ χρησταὶ αἱ ἐπιθυμίαι, φαύλη ἢ κωλύουσα ἔξις μὴ ἀκολουθεῖν, “pois se os impulsos são bons, má será a *héxis* que impedir alguém de segui-los”.

<sup>5</sup> D.L. CAIRNS, *Hybris...*, p. 8.

<sup>6</sup> J.-P. VERNANT (*Entre mythe et politique*, Paris, Seuil, 1996, p. 501) ressalta este caráter comparativo ao definir τιμή como “o valor proeminente de um indivíduo, ou seja, a um só tempo sua posição, seu estatuto social, com as honras que a ele se ligam, os privilégios e a

A metáfora de que se serve Fisher para descrever os casos de *γραφὴ ὕβρεως* na Atenas Clássica — a ultrapassagem do limite entre cidadãos e escravos — poderia, portanto, ser ampliada para uma definição da *ὑβρις* como a ultrapassagem do limite entre a *τιμή* individual e as *τιμαί* dos outros. O caráter generalizante da definição, no entanto, não implica uma imutabilidade do conceito de *ὑβρις*, pois esse último depende do conceito de *τιμή* que, por sua vez, não permanece o mesmo de Homero à Comédia Nova. A *τιμή* de um guerreiro homérico em muito difere da *τιμή* de um cidadão ateniense do V século a.C. Cada uma designa estatutos e posições sociais, assim como prerrogativas e deveres, solidários aos diferentes quadros axiológicos em que estão inseridas.

De fato, o que varia de um caso a outro é aquilo que determina o limite entre as *τιμαί* de cada um, que creio ser legítimo chamar de regulador social. Na Atenas Clássica, esse regulador social é a *σωφροσύνη*, ligada que está ao ideal de justa medida e ao caráter isonômico das *τιμαί* dos cidadãos. Em termos aristotélicos, esse regulador corresponde a uma *ἠθικὴ ἀρετή*, que consiste em uma *ἔξις* concernente à *προαίρεσις* (cf. *Eth. Nic.* 1139a.20). Assim, a oposição, comum nesse período, entre *ὑβρις* e *σωφροσύνη* fundamenta-se justamente no aspecto dispositivo do conceito: aquele que comete *ὑβρις* não possui *σωφροσύνη* como *ἔξις* e aquele que a possui não incorre em *ὑβρις*, o que confirma, ainda, as observações de Cairns.

A dependência que o conceito de *ὑβρις* apresenta em relação ao quadro axiológico que demarca o limite a ser ultrapassado pode ser verificada, ainda durante o período clássico, na tendência de se caracterizar o estereótipo do bárbaro pelo “hybrístico”. Ora, os bárbaros, por possuírem valores diferentes, não prezam a *σωφροσύνη* e são, portanto, *ὑβρισταί* em potencial. O mesmo ocorre, proponho, com os heróis homéricos, que não costumam apresentar a *σωφροσύνη* entre suas *ἀρεταί* e se tornam, aos olhos atenienses do século V a. C., *ὑβρισταί* como os bárbaros<sup>8</sup>.

consideração que ele tem direito de exigir, e sua excelência pessoal, o conjunto de qualidades e méritos que manifestam nele o fato de pertencer a uma elite, ao pequeno grupo dos *aristoi*, dos melhores”. Tal valor proeminente de um indivíduo só se reveste de sentido, obviamente, quando comparado ao valor de outrem.

<sup>7</sup> Sobre essa tendência, cf. por exemplo E. HALL (*Inventing the Barbarian. Greek self-definition through tragedy*, Oxford, Clarendon Press, 1991, p. 69-70), N.R.E. FISHER (p. 501-5) e F. HARTOG (*Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*, trad. J.L. Brandão, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004, p. 100).

<sup>8</sup> Uma analogia entre os modos de vida dos gregos do passado e dos bárbaros do presente encontra-se explícita em Tucídides (1.6.6): *πολλὰ δ' ἄν καὶ ἄλλα τις ἀποδείξειε τὸ παλαιὸν Ἑλληνικὸν ὁμοίωτροπα τῶν νῦν βαρβαρικῶ διαιτώμενον*, “com efeito, muitas outras coisas demonstrariam que os helenos de antigamente viviam de modo semelhante aos bárbaros de hoje”. Tal analogia também pode ser verificada, em um movimento inverso, em *Os Persas* de

Na *Iliada*, porém, ὕβρις não acusa a ausência de σωφροσύνη. Em suas duas primeiras ocorrências, nos vv. 203 e 214 do canto I, o vocábulo se refere à tomada de Briseida por Agamêmnon. Ao privar Aquiles de seu γέρας, do prêmio que concretizava a τιμή do Pelida, o Atrida ultrapassa o limite de sua própria τιμή, ainda que se trate de uma τιμή de βασιλεύς. Essa ultrapassagem revela, em seu *êthos*, a ausência de αἰδώς<sup>9</sup>, que seria o regulador social do “mundo homérico”, como já o propusera A.W.H. Adkins<sup>10</sup>. Nos vv. 149 e 158 desse mesmo canto, Agamêmnon é qualificado pelo adjetivo ἀναιδής, “sem αἰδώς”.

O exemplo retirado da *Iliada* para ilustrar as variações do conceito de ὕβρις não foi, obviamente, colhido ao acaso. A comparação entre as ações designadas como ὕβρις na *Iliada* e na Atenas Clássica revela-se proveitosa no estudo da tragédia grega, considerando-se, com J.-P. Vernant, que o teatro de Dioniso é justamente o espaço em que se confrontam os valores do passado e do presente<sup>11</sup>. Um rastreamento das ocorrências do conceito pode, portanto, servir de “termômetro axiológico”, indicando os valores do personagem trágico que o enuncia. Mais especificamente, o exemplo da *Iliada* citado acima me parece ter grande utilidade para o estudo do *Ájax* de Sófocles, uma tragédia ‘cheia de *hýbris*’, nas palavras de Suzanne Saïd<sup>12</sup>. Apresento, aqui, uma breve análise das ocorrências do vocábulo nos debates entre Teucro, os Atridas e Ulisses acerca do sepultamento de Ájax.

Nessas cenas, as três primeiras ocorrências do vocábulo ou derivados são pronunciadas por Menelau. No v. 1061, ὕβρις designa a tentativa de Ájax de assassinar os Atridas e Ulisses, para vingar a derrota na contenda pelas armas de Aquiles. O julgamento dessa contenda, na peça, é descrito em termos que evocam os procedimentos dos tribunais atenienses do século V, tais

Ésquilo, tragédia em que, no lugar de heróis do passado grego, são protagonistas os bárbaros recentemente derrotados em Salamina. Vale lembrar que os persas, nas palavras de Heródoto, são *hybristai* por natureza: Πέρσαι φύσιν ἐόντες ὕβρισται... (1.89.2). Agradeço a Tatiana Ribeiro por ter chamado a minha atenção para essa passagem das *Histórias*.

<sup>9</sup> Recorro mais uma vez a J.-P. VERNANT (*Entre mythe...*, p. 502) para esclarecer o significado do vocábulo: αἰδώς ‘é o sentimento de indignidade que se experimenta quando uma transgressão ao código de honra leva ao risco de nos expor ao opróbrio público’, acrescentando apenas que, como observou D.L. Cairns (*Aidos: the Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature*, Oxford, Clarendon Press, 1999, p. 87), essa infração pode referir-se tanto a um ato que diminua a τιμή de quem o comete quanto ao que desconsidera a τιμή de outrem, seja um superior, um *philos* ou alguém desprotegido.

<sup>10</sup> *Merity and Responsibility – A Study in Greek Values*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1975, p. 46.

<sup>11</sup> J.-P. VERNANT e P. VIDAL-NAQUET, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, São Paulo, Perspectiva, 1999, p. 10-11.

<sup>12</sup> *La faute tragique*, Paris, François Maspero, 1978, p. 402.

como ψηφίζειν, “decidir por votos”, no v. 449, κριταί, “árbitros”, no v. 1243, e δικασταί, “juizes”, no v. 1136, como observou B. Knox<sup>13</sup>. A vingança de Ajax figura, então, como uma contestação de um procedimento democrático. Note-se, porém, que para o Telamônio, cujos valores são os do “mundo homérico”, é justamente essa derrota na contenda que constitui uma ὕβρις, cometida pelos Atridas, considerando-se, com S. Saïd e N.R.E. Fisher<sup>14</sup>, que o vocábulo no v. 304 é empregado como objeto de ἐκτίνειν, com o sentido de “vingar a ὕβρις”, e não o de “cometer uma ὕβρις por meio de vingança”. Assim, a situação de Ajax se assemelha à de Aquiles na *Iliada*. Para ele, ὕβρις designa a ausência de αἰδώς dos Atridas ao lhe negarem o γέρας que concretizaria sua posição de melhor dos Aqueus.

Mas o Telamônio, aqui, é herói de uma tragédia que transpõe, anacronicamente, os valores da *pólis* ateniense para o exército argivo em Tróia. E o próprio herói é levado a constatar, durante o monólogo que compõe o segundo episódio, a falência de seus valores, resumidos, como propôs B. Knox<sup>15</sup>, no *tópos* τοὺς φίλους εὔποιεῖν, τοὺς δ' ἐχθροὺς κακῶς, “fazer bem aos amigos e mal aos inimigos”. Nesse episódio, Ajax reconhece, ainda, que é preciso aprender a σωφρονεῖν, a moderar (v. 677), mas, sendo incapaz de ceder aos novos valores que lhe são impostos, o herói decide se suicidar.

O suicídio mostra, então, que é impossível a permanência na *pólis* daquele que não age de acordo com a σωφροσύνη, ou seja, daquele que na Atenas do século V é considerado, ao menos potencialmente, um ὕβριστής. E, retornando ao debate entre Teucro e Menelau, à primeira vista, parece ser justamente esse o significado das palavras do Atrida na segunda ocorrência de ὕβρις. Logo após afirmar, nos vv. 1073-6, a necessidade de σωφροσύνη, de αἰδώς e de φόβος para o funcionamento das normas na cidade, Menelau proclama (vv. 1081-3):

ὅπου δ' ὕβριζέιν δρᾶν θ' ἄβούλεται παρῆ,  
 ταύτην νόμιζε τὴν πόλιν χρόνῳ ποτὲ  
 ἐξ οὐρίων δραμοῦσαν εἰς βυθὸν πεσεῖν.

Onde se comete ὕβρις e cada um faz o que quer,  
 considera que essa cidade, em algum tempo,  
 após navegar em ventos favoráveis, afunda em profundezas.

Toda essa fala dirigida a Teucro parece reproduzir o discurso cívico ateniense, e se assemelha a duas passagens das *Eumênides* de Ésquilo: a se-

<sup>13</sup> ‘The Ajax of Sophocles’, in B. KNOX, *Word and Action – Essays on the Ancient Theater*, Baltimore and London, The John Hopkins University Press, 125-160, 1986, p.146.

<sup>14</sup> S. SAÏD, p. 404; FISHER, p. 313.

<sup>15</sup> B. KNOX, p. 127.

gunda antístrofe do segundo estásimo (vv. 517-21), em que o coro afirma a utilidade do temor para o funcionamento da justiça, e os vv. 691-770, em que Atena aconselha os cidadãos a não expulsar o medo da cidade. Há, porém, como notou J. de Romilly<sup>16</sup>, uma diferença significativa entre o discurso proferido por Menelau nessa tragédia de Sófocles e tais excertos de Ésquilo: em *Eumênides*, o que causa φόβος é a própria instituição da cidade, envolta em uma atmosfera profundamente religiosa que não é evocada pelas palavras do Atrida. Como observam A.F. Garvie<sup>17</sup> e R.P. Winnington-Ingram<sup>18</sup>, na fala de Menelau, σωφροσύνη não designa moderação, como o verbo σωφρονεῖν no solilóquio de Ajax (v. 667), mas obediência à sua própria autoridade, de modo que ele mesmo não está a ela submetido. Assim, o Atrida afirma nos vv. 1087-8, referindo-se a Ajax:

ἔρπει παραλλάξ ταῦτα· πρόσθεν οὔτος ἦν  
αἴθων ὑβριστής, νῦν δ' ἐγὼ μέγ' αὖ φρονῶ.

Tais coisas seguem alternadamente: antes este homem era um ígneo *hybristés*, mas, agora, é a minha vez de pensar grande.

A idéia de alternância, expressa pelo advérbio παραλλάξ, me parece ter grande importância na economia da peça. No monólogo do segundo episódio, essa mesma idéia é apresentada na descrição feita por Ajax dos ciclos da natureza, que figura como exemplo para sua constatação da inexorabilidade da mudança. Tal constatação está diretamente associada à falência do *tópos* τοὺς φίλους εὔ ποιεῖν, τοὺς δ' ἐχθροὺς κακῶς, que pressupõe que as relações de amizade e inimizade permaneçam estáveis. E embora o suicídio decorra justamente da relutância de Ajax em mudar os seus valores, a morte do herói de fato transforma o significado de sua figura. Morto, ele passa a ter na tragédia o mesmo estatuto que no presente da audiência: o de herói cultuado<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> *La crainte et l'angoisse dans le théâtre d'Eschyle*, Paris, Les Belles Lettres, 1971, p. 113.

<sup>17</sup> *Sophocles Ajax*, Warminster, Aris & Phillips, 1998, p. 223.

<sup>18</sup> *Sophocles: an Interpretation*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998, p. 63.

<sup>19</sup> Essa projeção do estatuto de Ajax na Atenas do século V (o de herói epônimo de uma das tribos instauradas por Clístenes) sobre o passado mítico em que se desenrola a ação trágica foi analisada por Albert Henrichs (*The tomb of Aias and the prospect of hero cult in Sophocles*, *ClAnt* 12.2, 165-80, 1993). O estatuto de herói cultuado torna-se patente no poder sobrenatural de que fora investido o cadáver do Telamônio, capaz de garantir a proteção de um suplicante, Eurísaques, nos vv. 1168-84. Tal projeção se efetua através das palavras do coro nos vv. 1164-7, que Henrichs sugere ser um 'memorial verbal para o herói morto' (p. 173). Porém, referências a Ajax como herói cultuado podem ser encontradas em diversas passagens da peça, como procurei demonstrar em minha dissertação de Mestrado (*A liminaridade trágica em 'Ajax', de Sófocles*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Mas para que essa alternância se efetue é preciso que se transforme igualmente o significado das figuras de Agamêmnon e Menelau. No monólogo de Ajax, eles são chamados ἄρχοντες (v. 667), palavra em que, no jogo trágico de ambivalências e anacronismos, parece haver uma convergência entre a liderança do exército Argivo e a magistratura ateniense do século V, sugerindo um deslocamento que faz dos Atridas representantes da instituição cívico-democrática. Mas no momento em que Ajax, através da morte, deixa de representar uma ameaça à *pólis* democrática para ser a ela associado, a reunião dos Atridas é denominada pelo mensageiro τυραννικὸς κύκλος, “círculo tirânico” (v. 749). Essa mudança no significado dos Atridas é então enunciada pelo próprio Menelau nos versos citados acima (1087-8) e confirmada pelo coro no v. 1092, em que o Atrida é chamado de ὑβριστής. Com efeito, ao pensar grande e proibir o sepultamento de Ajax, Menelau retoma o código de reciprocidade hostil antes repreendido no Telamônio por revelar sua incapacidade de σωφρονεῖν.

Teucro, em resposta, constrói uma argumentação que questiona a postura autoritária do Atrida: Σπάρτης ἀνάσσων ἦλθες, οὐχ ἡμῶν κρατῶν, “tu vieste como rei de Esparta não como nosso comandante” (v. 1102). Tal fala, que ecoa as palavras de Aquiles no canto IX da *Iliada* (vv. 334-5), explora a hostilidade entre Atenas e Esparta à época da tragédia, construindo um modelo negativo de poder despótico para essa última. Como nota W.T. Stanford<sup>20</sup>, a identificação da audiência com o ἡμῶν, o “nosso” pronunciado por Teucro, seria bem provável.

A associação com a cidade rival de Atenas no presente da audiência é estendida a Agamêmnon, que age da mesma forma que Menelau. Ambos censuram a liberdade do falar de Teucro. Menelau compara o irmão de Ajax a um marinheiro de γλῶσσα θρασύς, de “língua ousada” (v. 1142) no símile usado para repreendê-lo por sua λάβρον στόμα, “boca impetuosa”, (v. 1147). Agamêmnon inicia sua fala a Teucro da seguinte maneira: σὲ δὴ τὰ δεινὰ ῥήματ' ἀγγέλλουσι μοι / τλῆναι καθ' ἡμῶν ᾧδ' ἀνοιμῶκτει χανεῖν, “então és tu que, como me informaram, ousas / encher a boca com palavras terríveis contra nós tão impunemente” (vv. 1226-7). E é justamente no contexto dessas repreensões que, no v. 1258, Teucro é acusado de cometer ὕβρις por ἐξελευθεροστομεῖν, por “ter falado de modo excessivamente livre”. Qualificar as falas de Teucro de “hybrísticas” seria equivalente a afirmar que o irmão de Ajax está ultrapassando os limites de sua própria τιμή. Mas,

2004, p. 58-65). Indícios do culto de Ajax na tragédia de Sófocles são, ainda, comentados por Richard Seaford (*Reciprocity and Ritual. Homer and tragedy in the Developing City-State*, Oxford, Clarendon Press, 2000, p. 129-30).

<sup>20</sup> *Sophocles: Ajax*, London, Bristol Classical Press, 2002, p. 198.

com isso, torna-se manifesto que Agamêmnon julga a τιμή de Teucro muito inferior à sua, que não o considera um igual.

Na fala de Agamêmnon, as censuras dirigidas a Teucro são justificadas pelo fato de o irmão de Ajax ser ὁ ἐκ τῆς αἰχμαλωτίδος, “o filho de uma cativa” (v. 1228), um δοῦλος, “escravo” (v. 1235), cujas palavras insolentes revelam uma βάρβαρος γλῶσσα, uma “língua bárbara” (v. 1263). Em resposta ao chefe do exército Argivo, Teucro lembra-lhe os grandes feitos de seu irmão, que ele mesmo acompanhou, durante a guerra (vv. 1269-88), sobretudo a defesa das naus e o duelo contra Heitor, episódios narrados na *Iliada*. Em seguida, Teucro confronta a acusação que lhe atribuíra uma origem servil atacando a ancestralidade de Agamêmnon: Pélops, seu avô, era um bárbaro, um Frígio (vv. 1291-2); Atreu, seu pai, oferecera os sobrinhos em banquete ao próprio irmão, Tiestes (vv. 1293-4); e a cretense Aérope, sua mãe, fora surpreendida em adultério (vv. 1295-7). A essa ascendência caracterizada como bárbara, atroz e indecorosa, Teucro contrapõe a ἀριστεία de Telamon que, como Salamínio, pertence à estirpe de Erecteu (vv. 1299-301). O irmão de Ajax reproduz, pois, o clamor dos atenienses de serem os únicos helenos autênticos, porque autóctones.

Assim, é Agamêmnon que, ao acusar Teucro de cometer ὕβρις — e julgar sua τιμή inferior — se torna, aos olhos da audiência ateniense, um ὕβριστής, já que é ele que tem ‘uma concepção equivocada e inflada de si mesmo e de seu lugar no mundo’<sup>21</sup>. A ocorrência do vocábulo ὕβρίζειν na fala de Agamêmnon denuncia, portanto, seu despotismo. Os dois Atridas, quando afirmam a necessidade de σωφροσύνη apenas em seus subordinados, se apropriam do discurso cívico para defender uma questão privada — garantir a vingança contra Ajax (cf. vv. 1073-6 e 1239-49). Ἡ μὲν γὰρ τυραννίς ἐστὶ μοναρχία πρὸς τὸ συμφέρον τὸ τοῦ μοναρχοῦντος, “a tirania é o governo de um só em benefício apenas daquele que governa”, afirma Aristóteles em sua *Política* (1279b.5)<sup>22</sup>. O modelo de governo dos Atridas é, pois, a tirania, insinuada pelo mensageiro no v. 749 com a expressão τυραννικὸς κύκλος, revelada pelo uso que eles fazem das instituições cívicas e afirmada por Agamêmnon nesta fala dirigida a Ulisses: τὸν τοι τύραννος εὐσεβεῖν οὐ ῥάδιον, “não é fácil um tirano<sup>23</sup> ser pio” (v. 1350). Como um dos tipos de poder despótico, a tirania é, na Atenas do século de Péricles, amplamente associada ao “híbrico” e ao estereótipo do bárbaro<sup>24</sup>. A παρηρησία, “liberdade de

<sup>21</sup> D.L. CAIRNS, *Hybris...*, p. 8 (n. 3).

<sup>22</sup> Ver também Arist. *Pol.* 1295a e 1311a.

<sup>23</sup> A.F. Garvie (p. 117) comenta: ‘sem dúvida ele usa τύραννος em um sentido neutro (*governante*), mas a audiência ateniense do séc. V certamente ouviria o vocábulo como *tirano*’.

<sup>24</sup> Cf., por exemplo, J. DE ROMILLY (*Les barbares dans la pensée de la Grèce classique*, Phoenix, 47.4, 283-92, 1993, p. 284) e F. HARTOG (*O Espelho de Heródoto. Ensaios sobre a Represen-*

discurso”, é um dos elementos característicos da democracia ateniense que compõem a noção — igualmente ateniense — de “grego”<sup>25</sup>.

No entanto, o fato de os Atridas serem associados ao poder despótico durante o debate acerca do sepultamento do herói não torna a oposição imposta por Teucro uma conduta exemplar, ainda que, de acordo com a axiologia da Atenas Clássica, sua ὑβρις não seja a atitude assim designada por Menelau e Agamêmnon. O substituto de Ajax no posto de chefe dos Salamínios, ao defender o direito de seu irmão às honras fúnebres, segue o mesmo código de valores que o herói verificara inoperante antes de morrer. A reprovação do modo como Teucro age é expressa pelo coro, no v. 1264: εἶθ' ὑμῖν ἀμφοῖν νοῦς γένοιτο σωφρονεῖν, “que o pensamento de vós ambos [Agamêmnon e Teucro] seja moderar”. De fato, é Ulisses, que já se mostrara no prólogo como modelo de homem σώφρων, quem irá convencer Agamêmnon a permitir o sepultamento de Ajax, ainda que o Atrida o faça em nome da amizade que nutre pelo filho de Laertes, sem reconhecer o valor do Telamônio (vv. 1370-3).

Bem entendido, se, por um lado, este breve estudo das ocorrências de ὑβρις no *Ajax* de Sófocles serviu de fio condutor para delimitar os valores em conflito em cena, por outro, as tragédias de Sófocles parecem ser um *locus* privilegiado para se analisar a mobilidade do conceito de ὑβρις, pois, como já observara S. Saïd<sup>26</sup>, nessas tragédias o vocábulo designa sempre atitudes e ações que envolvem apenas humanos, jamais deuses. Essa exclusão da esfera divina nas ocorrências de ὑβρις em Sófocles possibilita uma maior ênfase na variação do limite entre as τιμαί humanas, na medida em que essa variação se funda na temporalidade. Se a τιμή de um guerreiro homérico difere da de um cidadão ateniense, a τιμή de um deus em Homero não se afasta tanto da desse deus na Atenas do século V.

Tal caráter exclusivamente humano da ὑβρις em Sófocles tem, ainda, uma confirmação em *Ajax* que se verifica não por ocorrências, mas por um silêncio. A atitude do herói ao recusar o auxílio de Atena durante as batalhas, descrita pelo mensageiro nos vv. 756-7, tem todos os atributos de uma ὑβρις. O desprezo de Ajax diante da oferta da deusa, cuja causa é repetidamente atribuída ao fato de o herói οὐ κατ' ἄνθρωπον φρονεῖν, “não pensar conforme um homem” (vv. 761 e 777), revela em seu *êthos* a disposição subjetiva característica da ὑβρις: a superestimação de sua própria τιμή, que tem como contrapartida a subestimação da τιμή de Atena. Acrescente-se, ainda, a ocorrência de dois derivados de κόμπος, “vanglória”, na descrição feita

tação do Outro, trad. J.L. Brandão, Belo Horizonte, Ed. UFMG, p. 328-41).

<sup>25</sup> J. de ROMILLY, *Les barbares...*, p. 283-4.

<sup>26</sup> S. SAÏD, p. 405-6.

pelo mensageiro (ὕψικόμπως, “com demasiada vanglória”, v. 766, e ἐκόμπει, “vangloriava-se”, v. 770). Não obstante, na peça, essa atitude de *Ájax* jamais é referida como ὕβρις — ausência que merece uma atenção especial.

Uma primeira explicação poderia apoiar-se no fato de, em geral, a ὕβρις humana contra um deus ter por contrapartida o φθόνος divino, como observou D. Cairns<sup>27</sup>. Assim, a ausência do vocábulo no que tange a atitude de *Ájax* para com Atena precisaria a natureza da intervenção da deusa: a punição que ela inflige ao herói não decorre do φθόνος, estando mais próxima de uma τίσις, de uma vingança — o que estaria de acordo com o comentário de B. Knox quando ele afirma que Atena segue o mesmo código de violência recíproca repreendido no *Telamônio*<sup>28</sup> e, como mencionado acima, também nos *Atridas* durante o debate sobre o sepultamento do herói. Código vigente para os deuses, mas interdito aos homens: a ausência do vocábulo ὕβρις demarcaria, pois, a distância entre uma axiologia divina e uma axiologia humana.

Mas, intimamente relacionada a essa distância, poderia haver uma outra questão subjacente à referida ausência do vocábulo, mais específica do *Ájax* sofocliano, que tornaria impossível seu emprego em uma alusão à recusa do herói ao auxílio de Atena. E a breve análise das ocorrências de ὕβρις empreendida acima sugere uma conclusão que, nesse sentido, seria elucidativa. Bem à maneira de uma “lógica trágica” fundada sobre tensões e ambigüidades, como propusera J.-P. Vernant<sup>29</sup>, as ocorrências da palavra ὕβρις revelam que, em *Ájax*, aquele que se apresenta como vítima de uma ὕβρις é, na verdade, quem está, em relação à axiologia da Atenas Clássica, agindo como um ὕβριστής.

<sup>27</sup> D.L. CAIRNS, *Hybris...*, p. 17-22.

<sup>28</sup> B. KNOX, p. 130.

<sup>29</sup> J.-P. VERNANT e P. VIDAL-NAQUET, p. 7-24.

TITLE. *The measures of a concept: occurrences of hybris in Sophocles' 'Ajax'.*

ABSTRACT. Taking as a starting point N.R.E. Fisher and D. Cairns' discussions about the definition of *hybris*, both based on Aristotle's ethics, I suggest that the concept may be understood by means of the metaphor of passing over the limit that marks each one's *time*. The concept depends, thus, on the axiological framework in which it is inscribed. After a brief demonstration of the mobility of *hybris'* concept through a comparison between the attitudes to which it refers in Classical Athens and in *Iliad* book I, I examine the occurrences of *hybris* and its derivatives in Sophocles' *Ajax*, particularly in the debate between Teucer, Menelaus, Agamemnon and Odysseus about Ajax' burial. Since the attitudes of the Atreidae as much as those of Teucer are called 'hybristic', it becomes clear that the values of these characters are not coincident. Hence, *hybris* may serve as an 'axiological thermometer' for the interpretation of this tragedy, and an analysis of each of its occurrences reveals a good deal about the *êthos* of the character that pronounces it.

KEYWORDS. *hybris, time, conflicting values, Sophocles, Ajax.*

TITRE. *Les mesures d'un concept: occurrences d'hùbris dans Ajax de Sophocle.*

RÉSUMÉ. À partir des réflexions de N.E.R. Fisher et D. Cairns, fondées toutes les deux sur l'éthique aristotélicienne, à propos de la définition du mot *hùbris*, on suggère que ce concept peut être compris par la métaphore d'un franchissement de la limite déterminant la *timé* de chaque individu. Le concept dépend donc du cadre axiologique où il s'inscrit. Ensuite, après une brève démonstration de la mobilité du concept à travers la comparaison entre quelques attitudes auxquelles il fait allusion dans l'Athènes Classique et dans le premier chant de l'*Iliade*, on examine les occurrences de ce mot et ses dérivés dans le débat entre Teucros, Menelas, Agamemnon et Ulysse sur l'enterrement du corps d'Ajax, dans la tragédie homonyme de Sophocle. Dans la mesure où les attitudes des deux partis y sont qualifiées d'«hubristiques», il devient évident que les valeurs de ces personnages ne coïncident pas. Le mot *hùbris* peut donc jouer le rôle de «thermomètre axiologique» dans l'interprétation de cette tragédie, et une analyse de chacune de ses occurrences révèle bien des traits de l'*êthos* de celui qui l'énonce.

MOTS-CLÉS. *Hùbris; timé; conflit de valeurs; Sophocle; Ajax.*